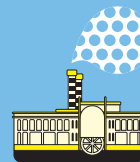


De repente, o casal de anões Serelepe e Favo de Mel tornam-se pais adotivos de uma criança gigante de 106 anos! Para cuidar de Mindinho, vão morar no castelo dele, onde tudo é enorme.

Com o tempo, a situação se ajeita, mas o menino sofre de saudades dos pais, mortos por um gigante mau. Serelepe resolve ir atrás do brutamontes, envolvendo todos numa aventura cheia de magia, perigos e desafios!



BARCO
A VAPOR

Gigantes também nascem pequenos

Regina Chamlian

Ilustrações
Helena Alexandrino



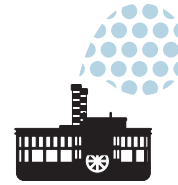
GIGANTES TAMBÉM NASCEM PEQUENOS • REGINA CHAMLIAN



1 5 4 2 6 4
ISBN 978-85-418-1949-7



9 788541 819497



BARCO
A VAPOR

Gigantes também nascem pequenos

Regina Chamlian

Ilustrações
Helena Alexandrino



© Regina Chamlian e Helena Alexandrino
(texto e ilustrações), 2005
Os versos citados (páginas 47 e 126) são do poema
“Mar português”, de Fernando Pessoa, in *Mensagem*.

Edição executiva: Graziela Ribeiro dos Santos

Coordenação editorial: Cláudia Ribeiro Mesquita
Preparação: Dulce Seabra
Revisão: Carla Mello Moreira e Gislaine Maria da Silva

Edição de arte: Rita M. da Costa Aguiar
Produção industrial: Alexander Maeda
Impressão: <completar>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Chamlian, Regina

Gigantes também nascem pequenos / Regina Chamlian ;
ilustrações Helena Alexandrino. --2. ed. -- São Paulo : Edições SM,
2017. -- (Barco a vapor ; Série Azul)

ISBN 978-85-418-1949-7

1. Literatura infantojuvenil I. Alexandrino, Helena. II. Título.
III. Série.

17-10991

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura infantil 028.5
2. Ficção: Literatura infantojuvenil 028.5

Grafia conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

1ª edição 2006

2ª edição dezembro de 2017

Todos os direitos reservados a

EDIÇÕES SM

Rua Tenente Lycurgo Lopes da Cruz 55

Água Branca 05036-120 São Paulo SP Brasil

Tel. (11) 2111-7400

www.edicoessm.com.br

SUMÁRIO

Favo de Mel tem um problema.....	9
No castelo do gigante	13
A carta.....	17
Senhora Serelepe Cereja.....	21
De coração partido.....	25
O testamento.....	31
A mudança.....	37
O Castelo do Portão Quebrado.....	41
A sombra.....	45
O aniversário.....	47
O segredo de Serelepe	51
O lado errado da floresta.....	55
Uma velha conhecida	63



Na trilha dos vaga-lumes	69
Na caverna de Tartaravó	73
Estranho rumor	83
O extremo do mundo	89
Depois da tempestade	93
Zarrão Grandalhão cara de cão.....	101
A COISA QUE MORDE.....	105
O senhor do castelo	111
O Lago das Águas Podres	119
Batendo a bela plumagem	125
Valeu a pena?.....	135

● FAVO DE MEL TEM UM PROBLEMA



COMO FAZIA TODOS os dias, à mesma hora, o anão Favo de Mel empurrava um carrinho estrada afora. Os pássaros e esquilos da floresta poderiam até acertar seus relógios, caso os tivessem, ao vê-lo passar. O anão usava sandálias de couro com sola grossa de borracha e um macacão cheio de bolsos, onde guardava binóculo, alicate de bico fino (para arrancar espinhos espetados nas patas dos animais), faquinha de cabo de madeira, lanterna e mais um bocado de coisas. Na cabeça, um chapelão de palha de abas largas. Ia cantando o pregão:

— Panqueca, panqueca,
panqueca docinha,
recheada
de goiabada,
cobertuuura
de rapaduura...

Parou um pouco para respirar o ar gostoso dos pinheiros sem suspeitar que naquela manhã ensolarada veria coisas terríveis, que mudariam sua vida para sempre. Foi quando o chão começou a tremer e uma sombra enorme o encobriu.

— Oh, não — gemeu Favo de Mel, procurando esconderijo. — Um gigante!

Tarde demais. O gigante se pôs na frente dele e perguntou:


— São panquecas? — e, sem esperar resposta, jogou-as boca adentro e as engoliu.

Favo de Mel ficou furioso:

— Você comeu cem panquecas de uma vez!
Está me devendo onze moedas de prata!

O gigante ergueu-o do chão e o abraçou.

— Largue-me! — esperneou o anão.

A colorful illustration of a forest path. The path is yellow and leads towards a castle in the distance. The trees are green and yellow, and the sky is blue with yellow leaves falling. A small figure is visible on the path in the distance.

Mas ele colocou Favo de Mel no topo de uma árvore bem alta. Lá de cima, Favo viu-o correr pela floresta na direção de um castelo.

— Agora sei onde mora, seu gigante ladrão de panqueca! Não vai se livrar de mim tão fácil!

E pôs-se a descer da árvore com todo cuidado.



● NO CASTELO DO GIGANTE

QUANDO FINALMENTE atingiu o chão, Favo de Mel rumou para o castelo. Chegando lá, encontrou o portão de madeira feito em pedaços. Subiu por uma trepadeira de brincos-de-princesa grudada à parede e espiou pela janela: no salão de jantar, uma giganta e dois gigantes travavam uma gigantesca luta corporal!

TUM! Um deles caiu no chão. TUM! O porta-retratos despencou. TUM! A mesa com sopeira e três pratos de sopa veio abaixo.



— Zarrão Grandalhão, seu ladrão, cara de cão! — gritou a gigante.

E bateu as botas.

— O que quer de nós, Zarrão Grandalhão? — quis saber o gigante.

E bateu as botas também.

Zarrão era alto como uma montanha, tinha cara de madeira maciça, olhos esbugalhados feito rodas de moinho, bruto, estúpido e feroz.

Da janela, Favo de Mel não perdia um detalhe. Então ouviu um tum-tum se aproximando. Um quarto gigante entrava pelo portão. Nervoso, Favo arrancou com o alicate um brinco-de-princesa do galho e, usando a flor como paraquedas, saltou para o chão e correu que nem doido ao seu encontro.

— Olha aí o glutão que comeu minhas panquecas! — Favo exclamou.

Catou a maior pedra que achou e jogou na testa dele, com força.

PLÓ! O recém-chegado desabou. E o capim que crescia ao redor do castelo o escondeu. Favo respirou aliviado e se escondeu também.

Foi quando Zarrão Grandalhão saiu porta afora

pisando duro. Carregava nos braços peludos um baú com moedas de ouro, uma toalha de mesa e, sob o sovaco, uma flauta de madeira. Quando passou correndo, sua sombra medonha também zuniu pelo chão que tremia. Por fim, entrou na estrebaria, desamarrou um cavalo e fugiu.

— Ai! — gemeu o gigante, ao voltar a si. Sentou-se, zozzo ainda, e pôs-se a chorar, com a mão na testa. — Você é o moço das panquecas! Você me deu uma pedrada!

— Foi sem querer — mentiu Favo de Mel.

— Sem querer?! Doeu pra burro e fez até gallo! Vou contar pra minha mãe.

— Por favor, não faça isso. Se quiser, posso preparar mais panquecas.

— Panquecas?! — ele enxugou as lágrimas.

— Qual é seu nome? — o anão perguntou.

— Mindinho — disse o gigante, ainda zangado.

— E quantos anos você tem, Mindinho?

— Cento e seis. E você?

— Foi o que desconfiei — disse Favo de Mel. — Só 106 anos. É ainda uma criança. Gigantesca, é verdade, mas uma criança.

“E uma criança órfã”, pensou Favo, entristecendo-se. Mas guardou o pensamento para si. Queria afastar o menino gigante de lá.

— Vamos! Vou fazer aquelas panquecas.

— Preciso antes falar com minha mãe.

— Não temos tempo — gritou Favo de Mel.
— Sebo nas canelas!

E saiu ventando. Atravessou o portão, a ponte, pegou a estradinha, entrou na floresta — tão depressa, tão veloz, que Mindinho teve que se apressar. Justamente Mindinho, que avançava sete léguas a cada passo!

— Espere por mim — Mindinho pedia, aos tropeços atrás do anão. Ainda estava atordoado por causa da pedrada.

● A CARTA

A CASA DO ANÃO ficava no fundo do bosque.

— Espere-me aqui fora — Favo disse a Mindinho, ao chegar.

Pegou a chave guardada embaixo do capacho, abriu a porta, correu para a escrivaninha e escreveu:

Caríssima Senhora Serelepe Cereja,

Peço-lhe que esqueça por um momento nossas desavenças e compareça com urgência em minha casa. Preciso de ajuda numa questão delicada. Repito: esqueça nossas desavenças e venha logo, porque o assunto é grave.

Cordialmente,
Favo de Mel

Pôs a folha num envelope, endereçou, saiu com ela para o pomar e chamou:

— Gargralha!

E nada de Gargralha aparecer.

— Hoje é dia... — ele resmungou.

Colocou o avental e dirigiu-se ao fogão. Ali era seu canto especial. Foi onde se aperfeiçoou na arte de fazer panquecas, as melhores já preparadas por criatura qualquer, fosse humana ou encantada. No teto, a marca de seu aprendizado: uma delas saltou alto demais, grudou lá e até virou pedra, mas não despencou. Ficou lá em cima, como se fosse um troféu.

A campainha tocou.

— Pode entrar — berrou o anão, batendo os ovos.

Era Gargralha, a ave ajudante de Favo de Mel. Ela preparava a goiabada para as panquecas.

— Você me chamou? — ela perguntou. E, resabiada: — Tem um gigante lá fora que está comendo nossas goiabas. Não vai sobrar nenhuma para fazer o recheio!

— Que coma tudo, coitado — disse Favo de Mel. — Ele está cheio de problemas.

— Problemas teremos nós se ele der cabo das goiabas! — ralhou ela. — Nossa freguesia não compra panqueca sem recheio!

— A gente faz o recheio com chuchu — disse Favo de Mel. E mudou de assunto: — Leve esta carta para Serelepe Cereja, por favor.

Gargralha olhou para ele e coçou a cabeça.

— Tem certeza de que você está bem, Favo de Mel?

— Leve a carta, leve a carta — disse o anão, entregando-lhe o envelope.

